

“Olha, professor, parece que ela não gosta de meninos!”

“So teacher, I think she doesn't like boys!”

¡Mire, maestro, parece que no le gustan los chicos!

Recebido: 23/04/2023 | Revisado: 18/05/2023 | Aceito: 21/05/2023 | Publicado: 30/05/2024

Ronilson Fernandes da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5280-580X>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: ronilsonfernandes92@gmail.com

Flávia Rondan Viana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7289-4512>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: flaviarviana.ufrn@gmail.com

Max Leandro de Araújo Brito

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2827-9886>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: maxlabrito@gmail.com

Resumo

Este caso de ensino tem como objetivo problematizar e discutir sobre as questões socioemocionais dos estudantes e o papel da escola e dos professores perante situações de crises familiares que reverberam no espaço de sala de aula. Este caso baseia-se em uma história real, entretanto, todos os personagens tiveram seus nomes alterados e algumas informações, como nome da cidade e da escola, foram modificadas para preservar a identidade dos envolvidos. Neste caso, uma estudante vivia dilemas familiares que passavam pela inconformidade com a mudança ocorrida em sua vida e na de sua família, bem como pela falta de compreensão de seus pais em relação a seu estado emocional. Tudo isso afetava diretamente seu aprendizado e, acima de tudo, colocava em risco a sua saúde. Desse modo, este caso pode ser aplicado na formação inicial e/ou continuada de professores, nos cursos de licenciatura, de um modo geral, ou na pós-graduação, como subsídio para discussão de temas pertinentes ao papel do professor perante questões socioemocionais dos estudantes na escola.

Palavras-chave: caso de ensino; competências socioemocionais; formação de professores.

Abstract

This teaching case aims to problematize and discuss the socio-emotional issues of students and the role of the school and teachers in situations of family crisis that reverberate in the classroom. This case is based on a true story, however, all characters have had their names changed and some information, such as the name of the city and school, have been modified to preserve the identity of those involved. In this case, a student was experiencing family dilemmas that involved non-compliance with the change in her life and that of her family, as well as her parents' lack of understanding in relation to her emotional state. All of this directly affected her learning and, above all, put her health at risk. Thus, this case can be applied in initial and/or continuing teacher education, in undergraduate courses, in general, or in postgraduate studies, as a subsidy for discussing topics relevant to the role of the teacher in relation to students' socio-emotional issues at school.

Keywords: teaching case; socio-emotional skills; teacher training.

Resumen

Este caso didáctico tiene como objetivo problematizar y discutir la problemática socioemocional de los estudiantes y el papel de la escuela y los docentes en situaciones de crisis familiar que repercuten en el aula. Este caso está basado en una historia real, sin embargo, todos los personajes han cambiado de nombre y algunos datos, como el nombre de la ciudad y la escuela, han sido modificados para preservar la identidad de los involucrados. En este caso, una estudiante estaba experimentando dilemas familiares que involucraban el incumplimiento del cambio en su vida y la de su familia, así como la falta de comprensión de sus padres en relación a su estado emocional. Todo esto afectó directamente su aprendizaje y, sobre todo, puso en riesgo su salud. Así, este caso se puede aplicar en la formación inicial y / o continua del profesorado, en los cursos de pregrado, en general, o en los estudios de posgrado, como un subsidio para discutir temas relevantes al rol del docente en relación a la problemática socioemocional de los estudiantes en la escuela.

Palabras clave: caso de enseñanza; habilidades socioemocionales; formación de profesores.

Introdução

O ano era 2018, e Giullia uma garota de 15 anos que estudava o 8º ano do ensino fundamental na Escola Padre Augusto, zona rural de Aurora, uma pequena cidade do interior do Ceará, mas que nasceu e viveu boa parte da sua vida na maior metrópole da América Latina, São Paulo. Giullia é uma garota muito inteligente, super antenada na cultura *pop* coreana (*K-Pop*) e que ama estudar esta língua asiática. Inclusive, Giullia já consegue se comunicar muito bem em coreano com alguns amigos que conheceu em

espaços *online* dedicados ao gênero *pop* daquele país. No entanto, na escola, Giullia é uma menina, até certo ponto, introvertida com os colegas, tendo alguns poucos amigos, com os quais já convive desde a infância, muito embora, segundo ela, tenha com eles um laço mais de respeito do que de amizade propriamente dita. Além disso, ela alterna muito de humor durante as aulas, indo de momentos muito risonha para outros bastante cabisbaixa.

Notando isso, e sabendo do potencial que aquela garota tinha para oferecer, Paulo Régis, o professor de matemática de Giullia, que estava no seu primeiro ano na escola, resolveu, sutilmente, se aproximar dela para entender melhor aquela menina que, a distância, parecia tão complexa. Paulo Régis estava a fim de entendê-la melhor para que pudesse ajudá-la a lidar com suas indecisões e problemas que, na sua ótica, estariam atrapalhando seu desempenho escolar.

Aos poucos, Paulo Régis foi mantendo contato com Giullia, sobretudo em momentos de aula quando ela parecia estar mais dispersa, no sentido de trazê-la para as conversas, buscando interagir com ela o máximo de tempo possível para que fosse ganhando intimidade.

Foi então que Paulo Régis notou em Giullia um enorme problema psicológico que a afetava sobremaneira ao ponto de ela estar praticando automutilação, tendo crises depressivas e muitos outros problemas visíveis que não estavam sendo acompanhados pelos seus pais adequadamente.

Com o passar do ano letivo, mesmo sem poder fazer muita coisa a respeito, pois não tinha capacitação profissional para isso, Paulo Régis resolveu manter um vínculo forte com Giullia para que ela não se sentisse completamente sozinha e desamparada. Desse modo, o professor, sempre que possível, conversava com ela, na escola ou pelo *WhatsApp*, para saber como estava se sentido. No entanto, isso não seria o suficiente, além do fato de ele não ser a pessoa mais adequada para dar-lhe suporte, os momentos em que estava ao lado (fisicamente ou digitalmente) da garota eram restritos e neles o professor buscava sempre ter bastante cuidado para que Giullia não interpretasse a sua preocupação para com ela como uma forma de interesse amoroso, tendo em vista ser bastante comum algumas situações de “paixão adolescente” por professores, sobretudo quando estes são muito atenciosos e carinhosos.

Nesse cenário, Paulo Régis ficou bastante preocupado e procurou encontrar uma maneira de ajudar Giullia ao mesmo tempo que tinha que sobrepujar diversas barreiras, mas em um determinado momento dessa busca, ele percebeu que o maior de todos os obstáculos estava dentro da própria casa da garota, eram seus pais que, de certa forma, provocavam nela sentimentos ruins e limitantes a respeito de si mesma. Foi então que ele percebeu o grande problema que estava enfrentando: como encontrar e oferecer suporte e apoio psicológico especializado para uma estudante cujos pais ignoram e ridicularizam seus problemas emocionais tão latentes?

Explorando o contexto

Giullia nasceu e morou na cidade de São Paulo durante boa parte da sua vida, mas em 2015, aos 12 anos de idade, veio para a cidade dos seus pais e avós, Aurora, localizada no interior do Ceará, para morar na Zona Rural desse município.

Por ter vivido tanto tempo numa cidade tão cosmopolita e ter convivido muito com a cultura, o ecletismo e os hábitos dos jovens locais, Giullia tem gostos muito peculiares se comparados com o dos adolescentes de onde ela passou a viver recentemente. Embora muitos deles tenham passado por situação semelhante em relação à migração de retorno, ela tem mais arraigada a presença da sua infância em São Paulo, sobretudo os seus melhores amigos que estão lá.

Por isso, Giullia já não se relaciona muito bem com seus vizinhos, colegas de sala ou com alguns familiares que a julgam constantemente pelos seus hábitos e gostos particulares. Entretanto, os pais de Giullia é que apresentam maior resistência em relação aos seus modos e costumes e constantemente a questionam a respeito.

Os pais de Giullia, Rafael e Vânia, foram para São Paulo ainda adolescentes, quando tinham 18 anos, saindo de Aurora logo após concluírem o Ensino Médio na Escola Padre Augusto, a mesma onde Giullia estuda atualmente. Em São Paulo, após 2 anos, Rafael e Vânia se reencontraram quando trabalhavam em um supermercado, ela empacotadora e ele entregador. Começaram a namorar e se casaram quando ambos tinham 21 anos. Depois de terem trabalhado em diversos locais diferentes por mais de 10 anos, Rafael conseguiu um emprego de caminhoneiro na empresa de logística EntregXpress que atendia em todo o território nacional, sobretudo fazendo viagens de São Paulo para Fortaleza, Ceará. Desde quando Giullia nasceu, eles desejavam voltar para perto de seus pais. Com isso, ambos retornaram para o nordeste para viver próximos dos familiares e junto, mesmo com muita resistência de Giullia, trouxeram-na.

Rafael continuou trabalhando na EntregXpress fazendo uma viagem por semana no trajeto São Paulo-Fortaleza. Vânia, por sua vez, começou a trabalhar como diarista na sede do município, deslocando-se diariamente da zona rural para os seus locais de trabalho. Desse modo, Rafael poderia continuar trabalhando e tendo momentos com sua família, já que a cidade onde viviam estava na rota de suas entregas e, assim, podia passar alguns dias em casa. Portanto, Giullia passava a maior parte do tempo sozinha em casa, apenas conversando com amigos por meio de redes sociais, ouvindo músicas *K-Pop* e estudando coreano, essas que eram as únicas coisas que tinha verdadeiramente prazer em fazer. Nesse período, Rafael e Vânia tiveram outro filho, Gean, cujos cuidados ficaram a cargo de Giullia no momento em que sua mãe retornou ao trabalho.

Giullia sempre estudou em escola pública, mas quando estava em São Paulo, era uma das melhores alunas da turma, interagiu muito com seus colegas, saía, se divertia e curtia junto com os amigos os seus momentos de lazer. Ao saber que se mudaria para o Ceará, Giullia começou a apresentar mudanças significativas de comportamento, muito por estar inconformada pelo fato de ter de deixar seus melhores amigos para trás.

Ao chegar na Escola Padre Augusto, na qual também estudavam alguns de seus primos, Giullia sentiu-se deslocada em relação aos colegas, ou pelos interesses culturais (gosto musical, por exemplo) ou pelo seu modo de ser, falar e se vestir. A partir de então, Giullia começou a brigar com seus pais para retornar para São Paulo, pois dizia não ter se adaptado a sua nova escola. Seus pais, no entanto, eram intransigentes em relação a isso e sempre alegavam que isso era “frescura” da garota, que logo iria passar e que ela iria se acostumar com a nova vida. Essa situação se estendeu durante todo o ano de 2015 e pelos anos seguintes, mas Giullia manteve-se firme no seu desejo de retornar ao lugar que ela julgava ser sua casa.

Entretanto, sua condição emocional só fez piorar nesse período, até que Paulo Régis começa a trabalhar na Escola Padre Augusto. Paulo Régis era um jovem professor de matemática que tinha se formado havia 4 anos. Ele estava há pouco tempo na docência e mudou-se para Aurora para trabalhar na escola quando passou no concurso público do município.

Paulo era um professor muito dedicado, atencioso e preocupado com cada um de seus alunos. Mesmo sendo da área de exatas, tentava trazer um enfoque muito humanizado para a sala. Embora fosse ainda pouco experiente, Paulo sempre dedicava muito tempo de suas aulas para entender as dificuldades e problemas dos estudantes, sobretudo quando a gestão da escola lhe oferecia liberdade para isso, que era o caso da Escola Padre Augusto.

O viver pedagógico e a preocupação do professor com a saúde emocional dos alunos

Em 2018, Paulo Régis começou a trabalhar na Escola Padre Augusto e nas aulas percebeu a situação de Giullia. Aos poucos, ele tentou se aproximar da garota para que fosse possível entender melhor o que estava acontecendo com ela.

Com o tempo, eles se tornaram bons amigos e Giullia começou a se sentir confortável em falar com o professor sobre seus problemas pessoais, tanto nos momentos que tinham na escola quanto pelo *WhatsApp*. Paulo ficou extremamente assustado quando ela o revelou que além de fazer automutilação, tinha pensamentos e ações suicida, já tendo tentado contra a própria vida algumas vezes. Em alguns casos essas situações foram motivadas pela relação conflituosa que ela tinha com os pais dentro de casa.

Nesse momento, Paulo Régis resolveu agir a fim de que a situação não se encaminhasse para uma tragédia. O primeiro passo dado pelo professor foi de conversar com a gestão da escola para que chegassem em um consenso sobre qual a melhor saída para este problema.

Fernanda, a gestora da escola, atendeu prontamente o pedido de Paulo Régis para que tivessem uma conversa sobre o assunto. Fernanda era uma profissional dedicada e muito atenciosa com seus profissionais e prontamente atendeu à solicitação de Paulo. Nesse diálogo, a gestora percebeu a gravidade da situação e sugeriu que os pais fossem chamados à escola para uma conversa em particular. Assim o fizeram. No entanto, apenas Vânia compareceu no dia seguinte à escola para conversar com Paulo Régis e Fernanda. Rafael não pôde comparecer pois estava viajando.

Ao abordar o problema e explicar os motivos pelos quais Vânia estava ali, Fernanda e Paulo Régis foram muito cuidadosos, tentando não assustar a mãe de Giullia sobre a situação de sua filha. Logo no início, Vânia não estava entendendo o que estava acontecendo – “Meu Deus do céu, o que foi que essa menina fez dessa vez, já não aguento mais ser chamada na escola por causa dela!” – dizia Vânia para Fernanda e Paulo Régis ao entrar na sala da coordenação.

Fernanda se encarregou de explicar a situação para Vânia e, em seguida, pediu para que Paulo Régis falasse sobre a condição de Giullia e a preocupação dele em relação à saúde emocional da garota. Enquanto isso, Vânia ouvia calmamente e não esboçava nenhuma reação, surpresa, medo, tristeza, perplexidade, nada, até àquele momento não expressava nenhum tipo de sentimento. Por fim, Paulo e Fernanda sugerem que Vânia e Rafael procurem um profissional para ajudar Giullia a lidar com os conflitos internos que ela apresenta e oferecem um ofício para que Vânia apresente na secretaria de saúde do município solicitando o apoio de um psicólogo da prefeitura para Giullia.

Entretanto, ao final da conversa, Vânia se demonstrou completamente aversa às sugestões da equipe escolar quanto ao acompanhamento profissional da sua filha. Ela dizia: “olha, minha filha não tem nenhum problema, isso é apenas ‘manha’, ‘denego’ de menina mimada. Ela faz essas coisas pra aparecer. Depois que o irmão dela nasceu ela fica fazendo isso porque acha que não damos atenção a ela, mas nós damos de tudo a essa menina, ela tem do bom e do melhor, não faz nada dentro de casa. A vida dela é assistir televisão e ouvir música. Ela estava conversando com uns meninos estranhos na internet e nós mandamos ela parar com isso, a gente não sabe nem de onde são essas pessoas com quem ela conversa. Isso é só rebeldia de adolescente, logo passa. Mas por enquanto não temos nada o que fazer” – “Claro que tem, dona Vânia”, retrucou Fernanda, “nós acabamos de conversar sobre isso, a senhora pode fazer um acompanhamento especializado com sua filha para que um profissional possa ajudá-la a lidar melhor com essa fase da vida”, completou Paulo Régis. Já saindo pela porta como se estivesse despedindo-se, Vânia então disse que não tinha tempo para levá-la para nenhum médico, pois tanto ela quanto Rafael, eram

muito ocupados. Vânia então saiu sem levar o ofício e vociferando que havia perdido uma manhã de trabalho mais uma vez por culpa de Giullia.

No dia seguinte, Giullia chega à escola cabisbaixa e aparentando ter chorado muito no dia anterior. Paulo Régis então pergunta o que houve e ela sai sem responder. Fernanda então chama a garota até sua sala para que possam conversar em particular. Nesse momento, mesmo com um pouco de medo e resistência, Giullia fala o motivo de ela estar daquela maneira. Sua mãe havia chegado em casa no dia anterior extremamente brava e descontou nela toda a raiva da conversa que teve com Fernanda e Paulo Régis. Fernanda contou para Paulo Régis, que ficou perplexo – “Não podemos permitir que isso continue acontecendo, isso ainda vai ocasionar uma tragédia”, reforçou Paulo Régis – “mas nós não podemos fazer nada, Paulo, é a mãe dela, nós não temos direito de interferir na forma como ela cria a filha”, retrucou Fernanda. Ambos passaram alguns minutos refletindo sobre o que fazer e então resolveram aproveitar a reunião de final de bimestre que ocorreria na semana seguinte, na qual os pais são convidados a receber os boletins dos alunos, para convidar Jonas, um ótimo psicólogo amigo deles, para dar uma palestra sobre os problemas emocionais comuns na adolescência e os cuidados que os pais devem ter. Essa foi uma forma sutil de trazer o assunto novamente à tona, mas dessa vez por meio de um profissional especializado no assunto. Ao final da palestra, Vânia procurou Paulo Régis para saber sobre o desempenho de Giullia durante as aulas e pegar o boletim, nesse momento, Paulo aproveitou para reforçar o pedido feito na conversa que tiveram em particular na semana anterior. “Giullia é uma menina super inteligente, mas está muito dispersa ultimamente, nós temos conversado um pouco entre as aulas e tenho percebido ela muito triste com algumas coisas. Sinto que ela pode estar em um quadro emocional muito delicado. Por isso, mais uma vez eu sugiro à senhora que procure um psicólogo para levá-la, isso pode ser muito importante tanto para você quanto para ela”, enfatizou Paulo Régis. Foi então que ela respondeu algo que o deixou bastante intrigado, ao mesmo tempo decepcionado – “É, ela está assim ‘borocoxô’ faz um tempo. Desde quando viemos morar aqui, sabe?! Ela não faz muita coisa dentro de casa, fica só no quarto o dia todo conversando com sei lá quem. Olha, professor, parece que ela não gosta de meninos! Sabe?!”, pontuou Vânia e logo saiu.

Nesse momento, Paulo Régis ficou atônito, sem reação, e a única coisa que pôde falar foi “ok, entendo!”. Isso provocou uma mistura de sentimentos no professor que ficou completamente perplexo com o tamanho descaso e descuido daquela mãe para com sua filha que, naquele momento, apresentava um quadro emocional muito delicado. Ele não sabia se aquilo era cegueira, ignorância ou simplesmente desleixo. Ele se questionava se tudo aquilo que ele havia feito até ali teria sido em vão, se aquela menina não tinha mais ninguém com quem contar? Mais ainda, ele ficou muito abalado por não saber a quem recorrer já que toda e qualquer decisão dependia dos pais da jovem que não aparentavam estar incomodados com a problemática.

Diante dessa situação, Paulo Régis conversa com Fernanda e conta para ela a história sobre a abordagem dele com Vânia, deixando a gestora também muito perplexa. Ambos discutiam naquele momento qual o papel da escola perante situações como essa em que uma adolescente apresenta nítidos problemas emocionais, claras evidências de automutilação e sintomas depressivos, mas que não tem em casa nenhum suporte, apoio ou, pelo menos, comprometimento de alguém para resolver tais problemas. Eles se perguntam até onde vai o papel do professor em situações como essa e o que pode ser feito para ajudar a garota sem colocar a ela e aos pais em uma situação desconfortável?

Notas de Ensino

Fontes dos dados

Este caso baseia-se numa história real ocorrida com este autor, no ano de 2018, na escola onde trabalha, todos os personagens tiveram seus nomes alterados e algumas informações, como nome da cidade e da escola, foram modificadas para preservar a identidade dos envolvidos. Algumas situações ficcionais foram inseridas no corpo do texto com finalidade meramente narrativa.

Objetivos educacionais

- Refletir sobre questões socioemocionais nos estudantes em situações de comprometimento do desempenho escolar;
- Discutir o papel do professor e da escola perante situações de crise familiar que reverberam sobre o aprendizado do estudante em sala de aula;
- Problematizar a relação escola-família na resolução de problemas do ponto de vista socioemocional nos estudantes.

Esta proposta de caso pode ser aplicada com professores em formação inicial ou continuada, em nível de graduação ou pós-graduação e busca desenvolver habilidades de: (i) empatia e comunicação; (ii) diálogo e resolução de conflitos; e (iii) aprofundamento sobre questões socioemocionais, autocuidado e preservação da vida.

Questões

1. Qual o dilema enfrentado pelo professor neste caso e qual poderia ser a melhor saída para que a situação se resolvesse de maneira satisfatória?
2. Qual a postura que a escola deveria adotar perante esta situação de instabilidade emocional da estudante?
3. Em que pese o papel da família, qual a conduta desejável desta para com a estudante em relação aos cuidados com a saúde emocional?
4. Qual o papel do professor no que se refere à busca pela solução de problemas de cunho emocional em estudantes, sobretudo quando estes afetam o seu desempenho?
5. Qual deve ser a conduta do professor no tocante ao contato com a família dos estudantes quando estes apresentam algum desequilíbrio emocional que afeta sua saúde e seu rendimento escolar?

Estas questões podem fomentar um debate amplo e direcionado para questões emocionais dentro do ambiente escolar e, com isso, pode colaborar com a formação integral de futuros professores no âmbito da educação básica. No entanto, essas questões são apenas norteadoras do debate e podem ser ajustadas pelo professor quando conveniente para suscitar debates mais específicos sobre algum tema correlato.

Sugestões de como abordar a análise das questões em sala de aula

Para fins didáticos, este caso pode ser analisado quando da discussão de temas referentes à psicologia da aprendizagem, teorias psicogenéticas, didática e legislação educacional, entre outros temas pertinentes. Sugere-se que o caso seja disponibilizado com antecedência para os alunos, os quais devem ler pontuar antes da aula questões para a reflexão que será feita no momento de discussão nos pequenos grupos e, quando sintetizadas, apresentadas ao grande grupo. Na sala, a dinâmica de apresentação e discussão do caso pode seguir uma sequência natural como em outros casos de ensino. Inicialmente, o professor pode fazer a divisão dos pequenos grupos para que estes façam a leitura coletiva e sintetizem o que foi discutido, o tempo estimado para essa fase é de 30 minutos, mas fica a critério do professor o cronograma. Em seguida, cada grupo apresenta seu ponto de vista em relação ao caso e a síntese das discussões, tendo um tempo estimado de 45 a 60 minutos para esta fase. Por último, o professor pode coordenar uma rodada de discussão que levará em consideração tudo o que já foi discutido e pontuado na leitura individual prévia e nos pequenos grupos, podendo ter um tempo estimado de 30 minutos.

Referências sugeridas

BONFANTE, R. **Habilidades socioemocionais na escola: guia prático da Educação Infantil ao Ensino Fundamental** Curitiba: Juruá, 2019.

GRAHAM, A. **Como escrever e usar estudos de caso para ensino e aprendizagem no setor público**. Brasília: ENAP, 2010.

RILTON, J. **Comunicação Emocional: a arte da empatia**. Campinas, SP: Unitá, 2020.

ROESCH, S. M. A. Como narrar um caso para ensino. **Revista Brasileira de Casos de Ensino em Administração**, p. d2, jan. 2011.

ROESCH, S. M. A. Notas sobre a construção de casos para ensino. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, n. 2, p. 213-234, 2007.